

## Editorial

O ano de 2021 foi marcado pelo compasso do relógio. Tic-tac, a ansiedade pela chegada da vacina. Tic-tac, a produção e publicização de um calendário de vacinação. Tic-tac, os grupos prioritários. Tic-tac, a fila que não anda. Em meio ao crescente desemprego, filas por osso, um mar de covas, Manaus literalmente sufocando sem oxigênio, o governo federal duelando para rebaixar o auxílio emergencial a míseros 250 reais. Os últimos anos têm sido duros, mas esse ano em especial, foi de ansiedade, um tic-tac sem fim.

Fechamos 2021 com 67,2% de brasileiros com esquema vacinal completo, uma fila que demorou a andar, mas acelerou na segunda metade do ano, reduzindo significativamente o número de mortes e internações graves.

Tivemos um segundo semestre intenso, cheio de revelações trágicas trazidas pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19. O relatório final saiu em outubro, recheado de depoimentos estarrecedores, como o da advogada dos médicos denunciante da *Prevent Senior*, ao relatar que a orientação da empresa era “Óbito também é alta!”. A CPI encaminhou ainda uma série de investigações sobre as estratégias do governo federal na gestão da pandemia, suas ações e omissões, bem como as articulações com empresas privadas. Foram meses de intensos trabalhos, divulgados com afinco pela imprensa liberal em seu esforço por promover a chamada “terceira via”, que de alternativa não tem quase nada, e se distanciar daquilo e daquele que ajudaram a colocar no poder. Enquanto isso, o número de mortes bate mais de seiscentos mil mortos. Ainda não choramos os mortos da pandemia, pois o tic-tac não para de bater.

As revelações da CPI foram parcialmente ofuscadas pelas Olimpíadas de Tóquio, talvez o único refresco que 2021 tenha dado ao Brasil. Rebeca Andrade e a “fadinha” Rayssa Leal roubaram a cena. Rayssa, atleta mais jovem do Brasil, conquistou com apenas 13 anos a medalha de prata no skate, esporte marginalizado e profundamente machista. Rebeca, moça negra da periferia, a “Daianinha de Guarulhos”, foi criada por uma mãe solo com sete irmãos e numa história incrível de superação trouxe para casa as duas primeiras medalhas olímpicas na ginástica, esporte extremamente elitizado.

Enquanto isso, cento e catorze pesquisadores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) saíram de seus cargos e, às vésperas da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), trinta fun-

cionários do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) pediram demissão dos postos de comando em que estavam. Esses dois episódios evidenciam a tragédia com que segue a educação no Brasil e os sinais de esgotamento, dessa vez através do abandono deliberado de funcionários e profissionais da educação de dentro dos órgãos públicos. Os que não podem abandonar o navio morrem de fome e alguns ainda insistem em pintar-se de verde e amarelo para desfilar no dia sete de setembro. A convocação de Bolsonaro para os atos em Brasília e em São Paulo, no dia da independência do Brasil, revelaram a insistente mobilização de suas bases, no virtual e nas ruas, no sentido de manter seu projeto de destruição generalizado. Felizmente, seus apoiadores se mostraram mais dispostos virtualmente do que presencialmente, no entanto, a baixa adesão das ruas não pode ser considerada uma derrota mas antes um recuo momentâneo.

E como não lembrar da corrida espacial dos bilionários! Os bilionários Jeff Bezos, Elon Musk e Richard Branson estrelam como protagonistas no espetáculo da aventura espacial privada. O turismo espacial, novo objeto do desejo dos super ricos, vai muito além do mero entretenimento. Denota um projeto de desenvolvimento tecnológico, de reprodução e sobrevivência de classe em meio à catástrofe climática em que o planeta Terra se encontra. Nesse sentido, a corrida espacial dos bilionários não pode ser pensada em separado dos acordos climáticos e dos fracassos no cumprimento das metas desde a Eco-92. Desde então foram muitas tentativas de acordo, muitos protocolos, muitos compromissos e metas não cumpridas. A Confederação das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP26), em novembro deste ano, firmou o Pacto de Glasgow sem conseguir garantir nem mesmo os objetivos básicos exigidos pelo Acordo de Paris. Para “o alto e avante” em direção ao espaço ou para baixo e enterrado em *bunkers* luxuosos, os bilionários do mundo, os seletos 1%, já desistiram do planeta. Para eles a catástrofe é certa, trata-se de encontrar um meio deles se salvarem. E nós que pereçamos! É sintomático e trágico que mesmo a ficção mais arguta, a exemplo do recente sucesso “Não olhe para cima” (2021) dirigido pelo diretor estadunidense Adam McKay, consiga imaginar o fim do mundo, mas não o fim do capitalismo.

A catástrofe climática expressa a crise do Capital; o fascismo e o avanço da extrema-direita também. São manifestações dos limites de uma reprodução social predatória. A acumulação exponencial é hoje uma ameaça à própria vida humana e outras milhares de vidas animais e vegetais; uma ameaça ao planeta. Essa necessidade urgente de encontrarmos uma saída para a vida dos 99%, uma saída para além do Capital, foi o tema do nosso *Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2021: o futuro exterminado? Crise ecológica e reação anticapitalista*, realizado em agosto cem por cento no formato virtual. Durante a conferência de encerramento, o prof. Eduardo Sá Barreto, foi categórico. Alguns futuros já estão

exterminados para nós; outros, porém, ainda são possíveis se nós tivermos êxito na luta contra o Capital. Uma luta árdua, de muitos passos, em muitas frentes, mas urgente.

Em 2022 estaremos diante de um grande desafio no Brasil: derrotar Jair Messias Bolsonaro nas urnas. Sabemos que as urnas não bastam, pois Bolsonaro é fruto de um processo de fascistização muito mais profundo. O desafio da des-fascistização será muito mais longo e árduo que uma eleição, configurando-se mesmo como um desafio geracional. Porém, a tarefa de tirar o atual chefe do executivo do poder é imediata e urgente. Nunca se desmatou, incendiou e matou tantas lideranças de movimentos sociais, dos povos originários e negros quanto no governo Bolsonaro. Muita luta política, trabalho de base e, quem sabe, um pouco de inspiração na luta dos *hermanos* no Peru, Honduras e, principalmente, no Chile onde o ex-líder estudantil Gabriel Boric Font, ganhou a eleição para presidente, em dezembro deste ano, com mais de 4,6 milhões de votos, derrotando o candidato da extrema direita, José Antonio Kast que já reconheceu a sua derrota nas urnas. Ele será o presidente mais jovem da história do Chile e conduzirá o país em meio a uma assembleia nacional constituinte em andamento. Essa vitória eleitoral é emblemática e um primeiro passo para o êxito em derrotar a extrema-direita.

Foi com o tic-tac de um relógio-bomba sobre nossas cabeças que fechamos esse número da revista. Contamos, mais uma vez, com a colaboração valiosa do coletivo de pesquisadores/as, professores/as, estudantes e membros do Niep que realizam o trabalho de parecer, revisão e assessoria. Não teríamos conseguido sem a ajuda de vocês e deixamos aqui o registro do nosso agradecimento.

Abrimos este número da revista com dois artigos e uma resenha sobre a questão climática. Eduardo Sá Barreto em “Cúpula de líderes sobre o Clima: novidades, velhas novidades e a mesma marcha para o abismo” traz uma reflexão sobre o fórum internacional de 22 de abril de 2021, no qual os EUA assumiram, aparentemente, uma postura mais responsável no tocante à diminuição dos níveis de emissão de carbono. Isso porque o nível de emissão em 2005, ano base do cálculo de redução, foi maior que em 2010, configurando, portanto, uma redução insuficiente segundo as exigências preconizadas pelo IPCC para garantirmos o limite de elevação da temperatura global em 1,5°C. A discussão fundamental do efeito rebote e da reaplicação do capital poupado, com o aumento da eficiência energética e o sucesso das tecnologias verdes, são trazidos para refletirmos sobre os limites de se tentar encontrar uma solução no âmbito do Capital.

O artigo “Covid-19 e o capitalismo de catástrofe: cadeias mercantis e as crises ecológicas-epidemiológica-econômica” de John Bellamy Foster e Iran Swandi, traduzido pelo professor Hugo Corrêa, foi publicado originalmente na revista *Monthly Review* em junho de 2020. Nele vemos articuladas discussões sobre problemas estruturais e conjunturais que estamos vivendo, apontando como a crise

sanitária e epidemiológica, provocada pela Covid-19, escancarou e aprofundou a precariedade econômica e as ameaças ecológicas impostas pelo capitalismo.

A contribuição de Elaine Bortone no artigo “Jair Bolsonaro e os empresários da indústria farmacêutica” traz à luz as relações entre o governo federal e as indústrias na produção de medicamentos, comprovadamente, ineficazes no tratamento da Covid-19. Descortinando as relações políticas entre os presidentes de determinados laboratórios e Bolsonaro, bem como o aumento substancial dos lucros dessas empresas, a autora demonstra como o governo federal juntamente com uma parcela do setor empresarial contribuíram para o agravamento da crise sanitária no país.

O texto de Lísia Cariello “Todos pela educação e Bolsonaro: a relação entre o Estado brasileiro e o Partido da Educação (2008-2021)” analisa, sob a perspectiva gramsciana, a relação do movimento empresarial “Todos Pela Educação” com o governo brasileiro, assim como elementos da atuação do Partido da Educação frente à pandemia de Covid-19. Cariello reconhece que o “Todos Pela Educação” vem perdendo espaço para os setores mais conservadores da sociedade, no entanto, reforça seu lugar de “especialista” em educação diante da opinião pública.

Os textos de Anderson Tavares e Eduardo Maia abordam uma discussão importante sobre a teoria do Estado no pensamento marxista. Assim, na contramão do pensamento de Norberto Bobbio – que afirmava não existir uma teoria do Estado marxista – os autores produzem reflexões valiosas através dos clássicos. Tavares em seu artigo “Caminhos para a crítica do Estado burguês: a questão da sociedade civil em Marx e Gramsci” discute a categoria sociedade civil em Marx e Engels e em Gramsci, enquanto Maia no artigo intitulado “Teoria Marxista da hegemonia e do Estado: um diálogo entre Gramsci e Poulantzas” realiza a comparação dos escritos do marxista sardo com o filósofo grego, discorrendo as aproximações e distanciamentos principalmente acerca do conceito de hegemonia.

No artigo “Revisitando a ruptura: Marx em meio ao discurso jovem hegeliano (1843-1844)”, Henrique Cunha Viana busca reconstruir o debate sobre a “ruptura” no itinerário teórico de Marx. Viana aborda as continuidades e descon continuidades de Marx em relação a Feuerbach, à obra de Hegel e aos jovens hegelianos, analisando a adesão de Marx à crítica da economia política e a conformação do materialismo histórico. O autor recupera a interpretação de Michael Löwy, que ressalta a importância do projeto revolucionário proletário para a “virada” no pensamento de Marx.

Na seção **notas críticas** apresentamos os textos de Felipe Cotrim e Bartoletti Sartori. O primeiro é uma resenha sobre o novo livro do marxista norte-americano John Bellamy Foster, que nos brindou com sua presença na mesa de abertura do nosso Colóquio neste semestre. O livro de Foster intitulado *The return of nature: socialism and ecology* é uma atualização das discussões sobre o ecossocia-

lismo, tema de pesquisa de mais de duas décadas de Foster. Sartori, por sua vez, discorre sobre a recente publicação de entrevistas do filósofo húngaro György Lukács, publicada pela editora Boitempo, cujo título é *Essenciais* são os livros não escritos: últimas entrevistas. É possível conferir valioso diagnóstico do filósofo húngaro em relação à produção marxista e não marxista feita que insiste na perspectiva de que o pensamento burguês aprofunda-se no anacronismo e faz a defesa do projeto socialista.

Para fechar o número da nossa revista deste semestre, o “**Luta e memória**” apresenta Pietro Basso no resgate da memória e importância do militante e fundador do Partido Comunista Italiano (PCI), Amadeo Bordiga, apagado da história do PCI pelo Stalinismo. Pietro Basso chama atenção, em entrevista a David Broder, que Amadeo Bordiga além de ter sido um significativo militante e intelectual, foi vanguarda no resgate da dimensão ecológica do pensamento marxiano, pois Bordiga criticou, a partir de Marx, as tendências gerais do modo de produção capitalista e dos danos crescentes que esta sociabilidade provoca na vida da humanidade e da natureza.